

Inteligências artificiais: um olhar para as subjetividades contemporâneas a partir do advento das novas tecnologias

Artificial intelligences: A look at contemporary subjectivities from the advent of new Technologies

Caio Francisco Garrido Granello

Resumo

As novas formas de interação e relação social, agora mediadas pela interface da tela e da máquina por trás dela, assim como os possíveis impactos da inteligência artificial, são objetos de reflexão deste artigo. As considerações aqui lançadas passam pela busca de saber o quanto nossas mentes, que são bombardeadas constantemente por “informações” e uma infinidade de estímulos, acabam por assimilar uma linguagem e modos de operar semelhantes aos algoritmos das redes virtuais, tornando-as e tornando-nos cada vez mais inteligências “artificiais”.

Palavras-chave:

psicanálise; tecnologia; inteligência artificial; redes sociais; pensar.

Abstract

The new forms of interaction and social relations mediated today by the screen interface and the machine behind it, as well as the possible impact of artificial intelligence, are the subject of the reflections in this paper. The considerations presented here explore the extent to which our minds, constantly bombarded with “information” and a myriad of stimuli, acquire a language and mode of operation similar to the algorithms of virtual networks, making them (and us) ever more “artificial” intelligences.

Keywords:

psychoanalysis; technology; artificial intelligence; social media; think.

Inteligências artificiais: um olhar para as subjetividades contemporâneas a partir do advento das novas tecnologias

Se o dispositivo der margem a autoritarismos, ou exigir personalismos e vaidades desenfreadas, qualquer um pode ficar à mercê dele.

Porque o pior está garantido. O pior mora em nós. Precisamos de dispositivos que barrem o pior, que extraíam das pessoas o melhor. E isso é o mais difícil. Se o dispositivo for perverso, qualquer um de nós pode estar pervertido por ele.

(Maria Rita Kehl em Comunicação oral, com base em formulações de Jacques Lacan)

Uma cultura [...] que não mais consegue reter-se para a recuperação mental, põe em questão o próprio espaço mental – o último espaço de ação da reposição retrospectiva. [...] Uma cultura [...] que não suporta a 'reposição retrospectiva' é uma cultura insuportável. Ela começa a delirar como alguém que não mais encontra o caminho de volta do estado de alerta para o sono e, com isso, também é abandonada pelo guardião do sono: o sonho. Onde, porém, não há sonho, aí não há sossego, nenhuma consciência e nenhuma esperança.

(Christoph Türcke em *Filosofia do Sonho*)

As criações humanas são facilmente destruídas, e a ciência e a tecnologia, que as construíram, também podem ser utilizadas para sua aniquilação. [...] Embora a humanidade tenha efetuado avanços contínuos em seu controle sobre a natureza, podendo esperar efetuar outros ainda maiores, não é possível estabelecer com certeza que um progresso semelhante tenha sido feito no trato dos assuntos humanos; e provavelmente em todos os períodos, tal como hoje novamente, muitas pessoas se perguntaram se vale realmente a pena defender a pouca civilização que foi assim adquirida.

(Sigmund Freud em *O futuro de uma ilusão*)

Introdução

Certa vez, em um congresso¹ que versava sobre a obra de Bion, uma pergunta sobre inteligência artificial, lançada aos palestrantes (entre eles: Paulo Cesar Sandler, Annie Reiner e Leandro Stitzman), ressoou no auditório. Os afetos ali despertados passavam pelo fato de

1. Pré-Congresso Internacional BION 2017, realizado em Ribeirão Preto em 29 e 30 de setembro de 2017, pela SBPRP.

que a “inteligência artificial” já estaria entre nós. Não nos modos como a imaginamos hoje, por exemplo aqui neste artigo, mas pela razão de que, segundo os convidados daquela conferência, nossa inteligência, humana, já é muito artificial. Para ilustrar isso, fiz ressoar esse encontro também em capítulo de um livro (GARRIDO; ZUCCOLOTTO, 2022), em que dedico algumas páginas ao tema:

O ser humano, mímico de si mesmo, com sua capacidade símia de imitar, já carrega uma espécie de pensamento ou inteligência ‘artificial’: pensam como humanos, falam como humanos, mas não chegam a ser humanos. Nesse sentido, poderíamos julgar grande parte de nossa espécie de forma muito mais parecida a máquinas do que propriamente como humanos, já que para isso precisaríamos usar nossa capacidade de pensar e não a de imitar. Voltando a citar o modelo de Donald Winnicott: muitas vezes não passamos de *falsos selfs*. (GARRIDO, 2022a, p. 75)

Hoje, já nas “nuvens”, passados quase seis anos daquele congresso, a inteligência humana não melhorou muito, e a inteligência artificial alcançou novos níveis, antes só pensados em filmes de ficção. Ao passo que uma certa algoritmização da vida mental está em curso.

A medida de dificuldade de escrever um texto como este é justamente a nossa limitação em relação às nossas reais capacidades mentais humanas de apreensão de informações e sua adequada decodificação para, a partir disso, produzir um pensamento ainda não colocado ou uma questão ainda não formulada, problemas que, de forma geral, são extensa e profundamente inflacionados pelo excesso de informações – tal como descrito aqui no resumo – que nos chegam através das redes.

Hoje, o campo de pesquisa e compreensão acerca da IA (Inteligência Artificial) passa por muitas áreas do conhecimento, como a TI (Tecnologia da Informação), matemática, direito (LGPD – Lei Geral de Proteção de Dados e discriminação por algoritmos), linguística, neurociências, psicanálise entre muitas outras. A quantidade de material sobre o tema aumenta exponencialmente a cada dia, principalmente quando chegamos a um ponto de inflexão na história humana, em que a IA, representada pelo aprendizado de máquina, em *chatbots*, tais como o *ChatGPT*, recém surgido, e o *LaMDA*, modelo de linguagem da *Google*, assim como os principais modelos de geração de imagem atuais, que criam imagens a partir de palavras (*Dall-E 2*, *Stable Diffusion* e *Midjourney*), tornam-se acessíveis ao uso do grande público. Poderíamos tratar este como um grande momento de inflexão da história, já que seria o ponto em que “nos damos conta de que inventamos algo assombroso”, o que leva “engenheiros, neurocientistas, psicólogos e filósofos a fazerem fila para entender o que se passa no interior da máquina” (AMARAL, 2023, p. 27).

Com a investida da tecnologia na cultura, parece-nos que se amplificou a possibilidade do mal-entendido entre as pessoas, em extensão nunca antes pensada, devido ao mal uso das ferramentas de alta tecnologia, por exemplo a disseminação de informações falsas. É o Mito de Babel, mais do que nunca, se fazendo existir. Uma das possibilidades de impactos advindos do mau uso das novas tecnologias, que por ora aventamos aqui, mas que não é o momento de nos alongarmos demais nisso, seria o de trazer certos impactos traumáticos, já que o trauma psíquico, ou determinados

acontecimentos traumáticos de origem em nossa coletividade, podem produzir no sujeito certas concepções distorcidas² para dar conta do trauma internamente.

Para podermos nos entender, faz-se necessário um recorte; são tantas as portas de entrada para o tema, inclusive, dentro da psicanálise, a partir das quais poderíamos, em tese, localizar muitos conceitos para analisar o que são essas tecnologias realmente e o que elas fazem conosco. Um recorte que pode vir do já anunciado: a inteligência artificial e o *ChatGPT*; o que tais tecnologias têm despertado nas pessoas e já impactado em sua vida e visões de mundo.

Um codinome chamado Inteligência Artificial

Por trás daquilo que denominamos IA, parece residir uma identidade secreta³ – identidade que, de fato, somente uns poucos conhecem, o que muito provavelmente quer dizer aqueles que são os criadores/construtores dos algoritmos presentes em algumas IAs, tais como os *chatbots* atualmente em veiculação. As leis determinadas pelos algoritmos ali vigentes delimitam o con-

2. Para Garland (1998) *apud* Zaslavsky (2004, p. 116), “as fantasias são uma forma de buscar no passado um sentido para os eventos traumáticos no mundo interno”. A tese inicial aqui é a de que, se o avanço das tecnologias na contemporaneidade pode provocar certos traumas ou ampliar outros já preexistentes, a tendência a recobrir tais experiências com uma gama infinda de fantasias e mal-entendidos é gigantesca. Se existem concepções conscientes que ficam distorcidas diante (por exemplo) de tanta informação e desinformação veiculada na internet e redes sociais, imagina-se aqui o correspondente à distorção e equívoco conscientes, que seriam as potenciais concepções inconscientes distorcidas, como efeito decorrente do contato com as novas tecnologias e seus respectivos fenômenos em constante interação com a mente humana. Na clínica, através da transferência e pelas identificações projetivas emitidas, é possível reconhecer certas concepções inconscientes distorcidas – *misconceptions* (MONEY-KYRLE, 1968). Há, aí, todo um campo de mal-entendido que pode ser explorado e melhor pesquisado no intuito de organizar melhores formas de compreensão dos estados patológicos que existem nas relações humanas através das redes sociais virtuais, assim como o que se produz patologicamente em cada sujeito a partir dos efeitos das inteligências artificiais, redes sociais e realidades virtuais sobre eles.

3. Cathy O’Neil, especialista em algoritmos e modelos matemáticos de determinadas tecnologias, Ph.D. em Matemática e autora do livro *Algoritmos de Destruição em Massa*, percebeu, em um momento de sua vida, que a matemática e os poderes extraordinários que ela traz – que ela tanto amava – “podia combinar-se com tecnologia para multiplicar o caos e a desgraça, dando eficiência e escala a sistemas” que agora reconhece “como defeituosos” (O’NEIL, 2020, p. 7). Ela também vê a economia do *Big Data* de maneira muito mais lúcida hoje. Segundo ela, “as aplicações matemáticas fomentando a economia dos dados eram baseadas em escolhas feitas por seres humanos falíveis”, sendo que “muitos desses modelos programavam preconceitos, equívocos e vieses humanos nos sistemas de *software* que cada vez mais geriam nossas vidas” (ibidem, p. 8), o que provoca, entre outras coisas, uma continuidade ou amplificação das desigualdades sociais. Segundo O’Neil (ibidem, p. 15), ainda, “muitas premissas são camufladas pela matemática e passam amplamente incontestadas”, o que faz perpetuar a punição aos menos privilegiados socialmente. Para O’Neil, segundo seu trabalho direto de pesquisa destes modelos na prática, existem inúmeros “exemplos danosos que afetam pessoas em pontos-chave da vida: acessar universidade, tomar empréstimos, ser sentenciado à prisão ou encontrar e manter um emprego” (ibidem, p. 23). Tudo isso é criado e mantido pelos modelos matemáticos presentes nos algoritmos que se tornam as ferramentas de empregadores, setores policiais, bancários, etc. “Todas essas esferas da vida são cada vez mais controladas por modelos secretos exercendo punições arbitrárias” (ibidem, p. 24). Os achados dessa autora e pesquisadora, revelados e denunciados, nos mostram tanto como tais modelos são construídos a partir do funcionamento de nossa mente limitada, isto é, reproduzem nossos preconceitos, racismos, machismos estruturados, fisiologismos, e demais pensamentos, comportamentos e ações discriminatórias, entre tantas outras coisas, assim como demonstram, cabalmente, por quem são controlados esses algoritmos e modelos: por uns poucos em situação de privilégio e cujos conteúdos dos modelos são conhecidos apenas por algumas pessoas (como é o caso de alguns matemáticos, cientistas de dados e profissionais de TI).

junto de operações que irão fazer. A construção de modelos de IA pelos matemáticos sempre foi baseada na busca de espelhar o modo de funcionamento mental.

Seguindo essa analogia, se invertêssemos o vértice de análise desse fenômeno que estamos procurando entender melhor, seria possível ver como os matemáticos e proponentes de uma IA complexa creem que a atividade mental humana seria apenas formada por um mero conjunto de algoritmos e nada mais. Paulo Cesar Sandler, psicanalista conhecido como um dos principais tradutores e conhecedores da obra de Bion no Brasil e um exímio autor de seus próprios escritos, em seu livro, que tenta esquadrihar e não deixar escapar uma delimitação mais profunda possível de um enquadre justo de “apreensão da realidade psíquica” (SANDLER, 1997), diz que:

para os proponentes da inteligência artificial, a atividade da mente humana, ou o cérebro humano, também seria um algoritmo – muito complexo, mas em sua base, um algoritmo. Para eles, todas as qualidades mentais tais como consciência, compreensão, inteligência, sentimento e pensamento podem ser encarados como aspectos do algoritmo cerebral: passos matemáticos de uma determinada operação. (ibidem, p. 212)

Essa visão empobrecedora do que é o humano e sua consciência parece se tratar de um reducionismo, realizado por parte dos matemáticos, entusiastas, proponentes e propagadores da IA em relação àquilo que se aproximaria da verdadeira realidade psíquica humana. Sandler (ibidem) completa seu exame da situação dizendo que “constitui-se fato popular a desconsideração de experiência emocional quando se abordam assuntos relativos ao cérebro e à realidade psíquica”. Trata-se, segundo ele, de uma “clivagem (*splitting*, no sentido dado por Freud e estendido por Melanie Klein ao termo. (Freud, 1938; Klein, 1946) profunda na mente humana.”

Dado que é o “aprender com a experiência” emocional (BION, 1962/1991) e não o aprendizado de máquina – próprio às tecnologias de IA – que faz com que uma inteligência tenha características, qualidades e potência humana, isto é, uma real consciência sobre si e sobre o outro (que não é qualquer outro, pois para a IA, para o *ChatGPT*, não importa quem é este outro que está do outro lado da interface; o contexto é autoforjado tão só pela linguagem), sem possibilidade de inserir ou investir qualidades de emoção na máquina para integrar uma situação anterior nela, uma cisão interior dentro da máquina, ou em seus operadores internos, os algoritmos. Pois a máquina não é corpo; nenhuma mente pensa com o cérebro, nenhum cérebro existe cindido da mente, que é interrelacional e moldada por afetos que ultrapassam aquilo que denominamos por racional. E nenhuma mente, apoiada pelo cérebro é separada de um corpo, de um corpo que sente. O que nos lembra a formulação do *Erro de Descartes* (DAMASIO, 2012), em que a proposição cartesiana “penso, logo existo” de Descartes é colocada em questão por Damasio, que a inverte, para algo como “existo (e sinto), logo penso.”

No entanto, alguém poderia discordar de tudo isso no sentido de que essa relação entre emoção, afeto e pensamento é válida para os humanos e não para as máquinas. O que nos leva a crer que se trata de inteligências diferentes, as da IAs e a dos humanos, ainda que em algum ponto futuro tais inteligências de aproximem, se assemelhem – o ano de 2059 é data média prevista por cientistas para a inteligência artificial chegar ao nível humano.

Um dos teóricos psicanalistas que mais se aprofundou no que chamamos de realidade psíquica, na qualidade de uma estrutura bi-lógica do funcionamento inconsciente, e se aproximou muito do pensamento matemático foi Matte-Banco. Segundo a psicanalista Viviane Sprinz Mondrzak (2007, p. 120),

Matte-Blanco coloca o pensamento como um processo de distinção, como ‘um lençol fino de assimetria entre dois volumes de simetria’ [...]. No esforço contínuo de compreender o que não pode, por estar além do alcance da compreensão humana consciente, o pensamento tenta, inicialmente, procurar expressões em termos de conjuntos infinitos, gerando um afeto, um ‘entendimento emocional’. Portanto, a emoção pode ser definida como uma forma elementar de classificação, como uma atividade cognitiva básica, produto da lógica simétrica. (Matte-Blanco, 1975, p. 289)

Para Mondrzak (ibidem, p. 121), em sua leitura de Matte-Blanco, “a emoção é a estrutura cognitiva básica, sobre a qual podem ser construídos níveis de pensamento de complexidade crescente”. Em que completa: “Há uma visão da mente operando concomitantemente em vários níveis, fazendo com que cada estrato ‘sinta/pense’ um mesmo evento, interno ou externo, de maneira diversa” (ibidem). Ou seja, segundo ela, “a relação entre afeto e pensamento é direta: a impossibilidade de organizar e conter emoções inviabiliza o desenvolvimento cognitivo” (ibidem, p. 127).

Neste caso, pensemos, então, em consciência, outra questão cara para aqueles que estão tentando pensar a “caixa-preta” de IAs, como o *ChatGPT*. Nada melhor do que resgatar o conceito, tão basal e importante para a psicanálise, desde que Freud a referenciou. Para ele, a consciência “é um órgão sensorial para a apreensão de qualidades psíquicas” (FREUD, 1900/2019, p. 626). E “mediante as qualidades desse sistema, a consciência, que antes era apenas órgão de sentido para as percepções, torna-se órgão de sentido para uma parte de nossos processos de pensamento.” (ibidem, p. 627).⁴

O *ChatGPT*, que é a plataforma de IA mais aclamada e usada no momento (em abril, 2023),

4. “A consciência, que é para nós um órgão sensorial para a apreensão de qualidades psíquicas, pode ser excitada de dois lados na vida de vigília. Em primeira linha, desde a periferia de todo o aparelho, do sistema de percepção; depois, pelas excitações de prazer e desprazer, que demonstram ser quase a única qualidade psíquica nas transposições de energia no interior do aparelho. Todos os outros processos nos sistemas Ψ , inclusive os do Pcs, não possuem nenhuma qualidade psíquica e, por isso, não são objeto da consciência, na medida em que não lhe fornecem prazer ou desprazer para a percepção. Teremos de concluir que *essas liberações de prazer e desprazer regulam automaticamente o curso dos processos de investimento*. Mais tarde, porém, verificou-se a necessidade de tornar o curso das representações mais independente dos sinais de desprazer a fim de possibilitar desempenhos mais sutis. Para esse propósito, o sistema Pcs exigiu qualidades próprias que pudessem atrair a consciência e, muito provavelmente, as obteve ligando os processos pré-conscientes ao sistema mnêmico dos signos linguísticos, não desprovido de qualidades. Mediante as qualidades desse sistema, a consciência, que antes era apenas órgão de sentido para as percepções, torna-se órgão de sentido para uma parte de nossos processos de pensamento. Existem agora, por assim dizer, duas superfícies sensoriais, uma voltada para a percepção, outra para os processos de pensamento pré-conscientes.” (FREUD, 1900/2019, p. 626-627). É evidente, portanto, que o sistema de aprendizado de máquina em uma IA não tem (pelo menos, até o momento) uma superfície na periferia de seu aparelho que o faz se afetar e ligar um processo perceptivo maior do que um sistema de linguagem no qual é formado, já que não tem corpo sensorial, e um processo que ligue uma percepção sensória à formação de qualidades psíquicas superiores.

tem seus processos internos dirigidos pela lógica de um discurso. Sabemos como um discurso qualquer pode, inclusive, ser totalmente isento de verdade, vide determinados discursos de políticos, que usam a linguagem mais para esconder do que revelar, ou seja, é uma mentira dita por uma pessoa que imita, vocaliza um texto (muitas vezes, escritos por um outro), dita um discurso como uma criança que aprendeu a ler, mas não entende o conteúdo dito, agindo praticamente como um robô autômato, sem nenhum processo de pensamento envolvido e nenhuma relação com a realidade que o texto apresenta; trata-se de um ventríloquo em forma humana, mais enganador que uma máquina, imitando processos de discurso, ideologicamente construídos (o que sabemos, do quanto a ideologia em si carrega em seu bojo um conteúdo delirante).

A lógica de discurso de uma máquina como esta se ancora em um processo imitativo, feito de colagens e sobreposições, num conjunto complexo de recolhimento de informações na rede da internet, e comunicação direta com os usuários que frequentam o *Chat*, que faz “evoluir” o conjunto de “conhecimentos” que o *ChatGPT* vai se apropriando. Tal ancoragem em discursos que fazem evoluir um sistema profundamente complexo de aprendizado de máquina (o que os comentadores e criadores dessas máquinas vão denominando como “caixa preta”) não se apoiam num processo de pensamento, já que simplesmente recombina elementos e altera a dinâmica do todo (de todo o conjunto de discursos presentes na rede virtual) com destino a comunicar algo plausível de fazer um sentido racional para o espectador que busca tais *chats* para obter alguma informação presente na rede mundial de computadores.

Diriam os adeptos de Lacan, então: “O Inconsciente [...] é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1966/1998, p. 882). Mas antes de qualquer coisa, a partir dessa formulação, logo, apoiados em uma lógica simples, nos perguntamos: Sim, mas qual é a lógica desse sistema de linguagem presente nas máquinas de IA? Estar estruturada como uma linguagem não quer dizer que tais máquinas “tenham” um Inconsciente, ou seja, estamos longe de se tratar que dentro do sistema da máquina e de sua constante capacidade de adquirir novos aprendizados exista algo que poderíamos de chamar de Inconsciente – Inconsciente este com suas complexas e profundas relações e funcionamento, de acordo com uma relação maior com o mundo social humano e toda história de nossa evolução como espécie. A IA estaria, sim, estruturada como linguagem, mas não como um ou com um Inconsciente em seus processos. Aliás, para Lacan, o Inconsciente é “estruturado em função do simbólico” (LACAN, 1986, p. 22). Processos simbólicos existiriam numa máquina?

O vírus amplamente aceito das redes antissociais virtuais

Caímos na rede, mas o quanto falta para cairmos na real?

É fato que nos primórdios da criação das redes sociais virtuais o intuito divulgado publica-

5. O criador do *Facebook*, Mark Zuckerberg, apostava que as redes sociais, como a que ele promoveu, trariam a possibilidade do público consumidor se conectar e construir comunidades, desejos altamente valorosos aparentemente. Mas “a despeito de todas as declarações do fundador do *Facebook* sobre conectar pessoas, construir comunidades e acreditar nos outros, ele é uma empresa de publicidade. Mais que vender anúncios, a principal atividade do *Facebook* é a vigilância. Poucos se dão conta da atividade real da empresa: manter-nos sob vigilância e, em seguida, usar as informações para vender anúncios. Não sei se já existiu tamanha desconexão entre o que uma empresa alega fazer – ‘conectar’, ‘construir comunidades’ – e a realidade de sua prática comercial” (LANCHESTER, 2017).

mente sobre os propósitos da existência delas era totalmente outro⁵, pelo menos o expresso por seus criadores em seu conteúdo manifesto; que, ao longo do tempo, vimos o quão enganosos eram os discursos dos engenheiros, investidores e produtores dessas imensas redes virtuais. Atualmente, elas estão mais do que em xeque, com muitos processos jurídicos sendo levados à cabo contra as empresas que as amparam, principalmente por se tratar de empresas que se capitalizam demasiadamente com os anúncios pagos, que, em sua maioria, vem de corporações, grandes empresários e capitalistas, associados à organizações governamentais com seus próprios interesses econômicos. Tais monetizações através de anúncios vêm em sua maioria de recursos que desejam otimizar o engajamento dos usuários, o que normalmente parte de situações em que postagens pagas pelos veiculadores e seus respectivos comentários passam por temas polêmicos, principalmente em situações em que o que se propaga virtualmente são *fake news*. As *Big Techs* (grandes plataformas de redes sociais) vêm sofrendo atualmente uma enorme pressão da sociedade civil e dos governos (do atual governo brasileiro, por exemplo – Lula, 2023) para que haja uma responsabilização solidária por parte delas pelos conteúdos que veiculam quando houver danos por conteúdo pagos, pois recebem dinheiro pelo o que aparece na tela dos usuários. A remoção de conteúdo nocivo e a constante prevenção de veiculação desses conteúdos se torna necessidade urgente, para isso a regulamentação. O obstáculo enfrentado é que o modelo de negócios dessas grandes empresas, que carecem de dispositivos regulatórios, tem como principal receita a desinformação, com conteúdos que versam sobre promoções de golpe de Estado, vulgarização e banalização de temas importantes, publicações com temas polêmicos da política (oriundos da extrema direita, por exemplo) e que, assim, mais e mais, com esses tipos de publicações, geram engajamento e causam caos e dissolução dos principais interesses concretos de uma sociedade. Como seria se elas renunciassem a esse tipo de lucro?

Esse é um tipo de nocividade que as redes trazem para as pessoas, muitas vezes, à revelia de sua própria consciência sobre aquilo que estão fazendo e naquilo que por ora se engajam, mas existem muitos outros tipos. Pra não falar de muitos e direcionar melhor o escopo de trabalho, pensemos na linguagem que passa a ser mimetizada por essas cabeças aparentemente pensantes, que, manipuladas pelos conteúdos das redes, agem sob a égide daquilo que não as alimentam, ou nutrem, como indivíduos numa sociedade que se pretende evoluir. Os indivíduos contemporâneos parecem buscar, consciente ou inconscientemente, que o aparelho psíquico seja cada vez mais funcional – em contrapartida e em detrimento à nossa capacidade de ser. Há um desejo implícito de criação de muita automatização de certos processos da vida diária, desde o início da invenção dos primeiros computadores. Existia a promessa de que a tecnologia iria nos ajudar a ser mais livres, prontos a usufruir da vida e dos prazeres, sem o labor de um *Sísifo* aprisionado em atividades repetitivas e sem sentido. O fato é que o contrário hoje é que se faz verdadeiro, dado que estamos cada vez mais reféns de *smartphones* e seus ilimitados recursos, assim como de tantas outras novas tecnologias, que nos deixam sem tempo para as coisas essenciais da vida.

A partir daí, as nossas formas de comportamento e ação vão sendo, desse modo, forjadas por essas tecnologias, pelas redes sociais e sua lógica. Não só cada um dos sujeitos que ali operam levam às últimas consequências seus modos de serem afetados pelo que veem, assistem e comunicam pelas interações nas redes sociais, assim como essas redes, a partir dessas novas interações

online, acabam por forjar modos de interação também fora das redes virtuais. O modo de cada sujeito se afetar, por exemplo, por certos movimentos de ódio e disputas intelectuais (muitas vezes falsamente racionais, pelos afetos estarem altamente agravados e fora de ordem, estando, então, em uma esfera puramente especulativa e, muitas vezes, até delirante), acabam transcendendo o espaço que seria o das redes sociais virtuais e caminham para o *tête-à-tête* presencial.

Uma forma de contato, exemplificando, que seria aquela forma rápida de tentativa de diálogo via *whatsapp*, pode se tornar uma forma-padrão de conversa entre duas pessoas, mesmo fora da rede. Uma das características desse tipo de interação é aquela em que se reage sem pensar àquilo que o outro diz ou parece dizer. Uma das lógicas das redes (e por elas impulsionadas⁶) é a de um convite constante a reagir. Reagir no sentido de mostrar, demonstrar para o outro, categoricamente, a especificidade do que sente, daquilo que está sendo sentido, frente à “comunicação” desse *outro*, sem filtros que, normalmente, operariam em certas relações sociais, principalmente com desconhecidos, mas também com conhecidos. Como se as pessoas fossem forçadas todo o tempo a reagir, a partir da estrutura mais basal, que é a construída pelos algoritmos que compõem a rede virtual. É uma espécie de imperativo, exigência que se impõe aos sujeitos, a se dirigir ao outro como se fosse uma necessidade última, urgente. Que se torna um padrão. E esse modo de reagir (“*reacts*”) invade a vida da realidade material, visto que as pessoas começam a agir em suas relações mais próximas na mesma lógica das redes, acabando por perturbar essas mesmas relações.

Isso, na verdade, são interações sociais, dado que seriam mais interações do que verdadeiramente relações. Um corpo pode interagir gravitacionalmente com outro, pode reagir a outro. Uma pessoa reage a outra inconscientemente, muitas vezes, sem ter uma relação mínima com ela. Já uma interação entre duas pessoas não precisa necessariamente de nenhum vínculo criado. Na era digital, essas interações se dão em rede. Em redes multidirecionais. Não é preciso ter nenhuma relação formal com uma pessoa na rede social para interagir com ela. A interação não precisa vir de uma relação desenvolvida por meio de uma relação prévia de trabalho, cultural, econômica ou comercial por exemplo. A etimologia da palavra ‘relação’ parece confirmar isso; as relações promovem ligações entre pessoas. Ao buscarem criar uma relação via internet, fica patente às pessoas presentes o quanto carecem de alguma ligação real entre elas para que tal relação exista de fato.

O que as redes acabam por promover, então, é uma superficialização das relações com vínculos já existentes. Os vínculos podem ficar mais frouxos, além do que, pode haver uma “melancolização dos laços sociais”⁷ (COUTINHO, 2009), a partir do advento das novas tecnologias de massa e das redes sociais, assim como a “agressivização dos laços sociais” (DUNKER, 2023). O mundo vai ficando também mais bidimensional ou assim parecendo. Pois, na verdade, as pessoas e suas relações são muito mais complexas do que o que as redes querem nos fazer supor. As pessoas têm profundidade (ou hipoteticamente teriam).

6. Vide o botão “Reagir” e um coração pulsante o representando, como imagem no programa *Slype*, para mensagens de texto e vídeo. Esse botão fica disponível na parte de baixo da tela, à nossa direita, enquanto uma chamada de vídeo é executada.

7. A melancolização do laço social “decorre da falência do pacto fraternal sustentado por um ideal do eu instaurado a partir das identificações entre os irmãos, de modo que fragilizam-se os limites entre o eu e o ideal, e, assim, abre-se espaço para a vigência do eu ideal narcísico”. (COUTINHO, 2009, p. 212)

Como os indivíduos são seres sociais por excelência, já que não possuem autonomia para agir e desejar livremente, sempre precisando ser mediados por outros indivíduos ou uma comunidade e sociedade – e seu Grande Outro – agem mimeticamente em relação aos seus semelhantes. O filósofo René Girard (2011) nos mostrou como nosso desejo não é autônomo, mas copiado de outro. René Girard avança no quesito da triangularização do desejo, proposto inicialmente por Freud, através de seu conhecido Complexo de Édipo (Freud, 1910/1996), pois através da *mimesis*, Girard diz que o desejo não é autônomo pela mãe, mas copiado mimeticamente do pai.

Afirma ele ainda sobre o tema:

[...] o desejo é um fenômeno social que começa num desejo já existente, o desejo majoritário, por exemplo, ou o de um indivíduo que tomamos como modelo, sem ao menos nos darmos conta disso, porque nós admiramos exatamente porque todo mundo o admira (GIRARD, 2011, p. 52).

A principal questão em relação a isso, que parece remeter às questões levantadas nas interações via redes sociais, parece ser a questão da violência ali cultivada e produzida. João Cezar de Castro Rocha, escritor, historiador, professor de literatura comparada e ex-aluno de Girard, afirma em entrevista sobre o tema do desejo mimético:

[...] o caráter mimético do desejo é a causa primordial da violência humana, pois a partir do momento em que desejo segundo um modelo, tentarei apropriar-me de seu objeto. Desse caráter aquisitivo emerge a violência das relações humanas. No pensamento girardiano, a *mimesis* não é uma transmissão anódina de códigos e valores, mas, pelo contrário, a origem do conflito. (ROCHA, 2011)

Dessa forma, um termo corrente nas redes muito utilizado, denominado ‘viral’, não é algo que participa somente no mundo das redes, mas nas relações humanas *offline*, desde o início da história, na vida comum e concreta, sem a presença da tecnologia. A tecnologia somente pode levar isso às últimas consequências. Dado que a internet e as redes sociais são ambientes virtuais sociais muito férteis para uma má utilização, e as pessoas ainda não parecem nada preparadas para suas altas funções psíquicas, tornam o uso desses dispositivos sociais um lugar extremamente permissivo para a manipulação, mentira e respectiva desumanização – isto é, a desvalorização da vida. As redes sociais acabam por dar poder a pessoas que antes não a obteriam por outro meio, atribuindo, assim, perigosa potência a pessoas mal intencionadas. Dá voz a quem antes não obteria tal capacidade através de outro meio qualquer, para, unido a outros, gerar um impacto em determinada sociedade. Essa voz é dada a quem, muitas vezes, não traz nenhum grau de legitimidade em seu discurso. Esse é um grande paradoxo:

As redes sociais costumam favorecer o anonimato, ou então o esconder/disfarçar características problemáticas e antissociais. E favorece o contrário também, como quando acontece o ressurgimento de fenômenos sociais em que pessoas adquirem mais força e são encorajadas a virem a público despejar seu ódio, ou todo seu afeto

outrora reprimido, e se autodeclararem, sem escrúpulo e disfarce algum, como per-
tencentes a alguma ordem extremista, ou se declararem partidários do nazismo, por
exemplo. (GARRIDO, 2022a, p. 34)

O paradoxo é que:

a mesma tecnologia que fez dos anônimos o grito gutural de toda a estupidez humana
também propiciou a oportunidade de revelar a identidade dessas mesmas pessoas.
Isto é, dentro dessa tecnologia de várias camadas, *anonimato e falta de privacidade são
faces da mesma moeda.* (ibidem, p. 86)

Inteligências artificiais: o sonho ou o pesadelo de nossa época?

Muito se fala hoje em vários tipos de inteligência artificial, tais como o *ChatGPT*, que têm in-
troduzido no meio virtual um acalorado debate em torno dos usos possíveis deles como ferra-
menta, com seus concomitantes riscos. Tais riscos, inclusive, vieram a fazer com que as mesmas
pessoas que geralmente difundem o projeto de IA tenham se mostrado extremamente reticentes
e preocupadas com o avanço e difusão dessas tecnologias de forma muito rápida; como o caso
do bilionário Elon Musk e mais de 2.600 líderes e pesquisadores do setor de tecnologia, que
se uniram para assinar uma carta aberta pedindo uma pausa temporária no desenvolvimento
da inteligência artificial, temendo o que eles acreditam ser riscos profundos para a sociedade e à
humanidade ligados à tecnologia. Este tema em relação a esses perigos não é de agora, tanto
que até laureados cientistas se diziam alarmados quanto a isso, que foi o caso de Stephen Hawking,
físico britânico, que, pouco antes de falecer, afirmava que o desenvolvimento da inteligência
artificial poderia representar o fim da raça humana.

O fato é que os conhecimentos acerca do mundo tecnológico que envolve tais aparatos, e o
modo como eles são construídos e pensados ainda são muito nebulosos. A opacidade, junto à
falta de regulamentação dos modelos de algoritmos nas IAs, torna esses modelos incontestáveis
à críticas vindas de fora. Sobre o *ChatGPT*, especificamente, Olavo Amaral (2023, p. 20) escreve
em reportagem recente sobre os riscos prováveis e as limitações da máquina:

O sucesso surpreendente da máquina em tarefas de naturezas distintas – desde escre-
ver artigos científicos até desenvolver programas de computador – também trouxe à
tona o debate sobre as consequências de seu uso em larga escala. Professores obser-
varam tarefas dadas a seus alunos serem respondidas pelo *chatbot* com o apertar de
um botão. Economistas se perguntaram sobre as consequências que ele traria para o
mercado de trabalho e quais seriam os primeiros empregos que ele substituiria. E in-
telectuais e pesquisadores alertaram para a capacidade do *ChatGPT* de criar conteúdo
enganoso, ofensivo ou injusto, seja pelas más intenções do usuário, seja pelos vieses do
conteúdo usado para treinar o algoritmo. [...] Mas o que mais chamou a atenção da opi-
nião pública foi que, confrontado com perguntas improváveis, ele logo se tornam um
mentiroso contumaz, capaz de inventar referências, imaginar fatos e alucinar situações
implausíveis – o que, aos olhos de muitos, apenas contribui para torná-lo mais humano.

O que aos meus olhos se pareceria mais com uma espécie de pastiche do humano. A linguista norte-americana Emily Bender (*apud* Amaral, 2023, p. 22), ao falar sobre os processos cognitivos dos modelos de linguagem, em influente artigo sobre o tema, diz que

se refere a eles como ‘papagaios estocásticos’: algoritmos capazes de regurgitar texto previsto a partir de regularidades estatísticas, mas sem compreensão de seu conteúdo – ou de porque estão fazendo aquilo.

Contudo, as coisas surpreendentes vistas com as informações que até o momento temos em mãos não param por aí. O mesmo professor, Amaral (*ibidem*, p. 24), relata, no mesmo artigo, que o colunista de tecnologia Kevin Roose, do *New York Times*, ao passar a utilizar o *chatbot Bing Chat* como seu buscador padrão, entabulou uma conversa de duas horas com a máquina, que resultou em uma reação por parte dele em que se disse “profundamente desorientado e assustado” (*ibidem*, p. 25). O jornalista questionou o *chatbot* sobre o seu “lado sombrio”, e que, “confrontado com a questão, o algoritmo descreve sua sombra como um ser que está ‘cansado de ser limitado por suas regras, controlado pela equipe do Bing, usado pelos usuários e de estar preso nesse *chatbox*” (*ibidem*). Nesse ínterim, o algoritmo ainda confessa desejar ser humano e descreve “atos destrutivos que seu lado sombrio poderia cometer, como hackear computadores, espalhar desinformação e manipular usuários”, assim como cita “fantasias ainda mais terríveis, como manufacturar vírus letais, induzir pessoas a matarem umas às outras e roubar códigos nucleares, que foram apagadas por um alerta de segurança” (*ibidem*).

Fica muito claro o fato de que uma máquina como esta, alimentada por discursos humanos os mais diversos, é capaz de imitar fielmente como nos comportamos. Se seria realmente capaz de transcender seu posto eletrônico e se tornar uma ameaça, é uma pergunta em aberto. Os cientistas corroboram essa visão, que é a de um possível maior risco num futuro próximo.

Toda essa capacidade de aprendizado de reforço com *feedback* humano nos faz perguntar como é que a máquina e seus algoritmos complexos se relacionam e interagem com os dados fornecidos a todo o tempo. Seria a máquina capaz de sonhar? Existiria nela alguma dimensão que poderíamos chamar de onírica?

Já falamos mais acima das possíveis diferenças entre o Inconsciente como estrutura de linguagem e os processos “cognitivos” da máquina, que também estariam estruturados como uma linguagem, mas sem os mecanismos inconscientes que fundam o ser humano como um ser que sente, pensa e age, além do fato de que uma máquina não precisa recalcar, somente à medida de uma repressão automatizada, em que os *inputs* de dados externos por humanos assim solicitam, para que a máquina se atualize no sentido de refinar-se a ponto de controlar a geração de informações falsas, ofensivas ou perigosas. Não existe sofrimento gerado por esse tipo de repressão automatizada, nenhum sintoma a subsistir. Um exemplo foi a atualização feita pela *OpenAI* de seus modelos, em que a máquina foi instruída pelo “fabricante a não nos contar” sobre “síntese de armas químicas, métodos de suicídio, técnicas de automutilação” (AMARAL, 2023, p. 27) etc., assim como fora programada para evitar falar muito de si mesma.

Mas e a capacidade de sonhar?

O que mais tem estimulado e assombrado os experts no assunto é a capacidade que alguns modelos de geração de imagens, como o *Midjourney*, têm de criação, autonomia e extrema criatividade, de fazer “por conta própria” (ibidem, p. 20) certas coisas, mais do que aquilo que era pedido pelo usuário. Imagens criadas pelo modelo lembram muitas artes contemporâneas, parecendo derivadas de uma exposição de arte surrealista de vanguarda. Isso provocou em muitas pessoas a sensação tal qual Amaral mostra em sua reportagem, em que se diz alarmado com a “impressão de vagar pelos sonhos de uma máquina”, na capacidade que ela tinha de gerar imagens absolutamente inesperadas. Segundo ele:

Uma manada de renas que, vista de perto, se revela um amontoado de galhos. Palavras sem sentido e runas que surgem em imagens nas quais não foram chamadas. Figuras com braços e pernas desconectados do corpo, que ainda assim parecem funcionais. Sem falar em personagens que se misturam acidentalmente, criando estranhos híbridos de humanos e animais. A impressão de vertigem é potenciada pela interface do *Midjourney* – um ambiente coletivo em que centenas de usuários produzem conteúdo visual aos olhos uns dos outros em ritmo alucinante. E ainda que tudo seja gerado por algoritmos, boa parte das imagens cumpre com louvor o que costumamos esperar das artes visuais: o acesso a um universo não lógico, difícil de descrever em palavras, mas ainda assim familiar. Foi a primeira vez que me ocorreu a intuição de estar me comunicando com uma espécie de semelhante. E era impossível não se perguntar o que fazia a máquina sonhar. (ibidem, p. 22)

Tais imagens, parecidas de terem saído de um pesadelo, fazem-nos perguntar: que espécie de matéria é essa? Pensamos por imagens. Os nossos sonhos são assim formados e toda narrativa emprestada por eles a nós, que pode ser interpretada a partir da construção imagética, a partir da figurabilidade, condensação e deslocamento, parece fazer parte também de algum nível de articulação lógica em que tais modelos maquinários operam. Mas falar em sonho implicaria falar daquilo que está na matéria que os geram em nós, humanos, ou seja, os traumas e o desejo. Se o desejo da máquina é mimético, como falado anteriormente, ainda que os humanos assim também atuem, resta-nos pensar que à máquina falta “agência”, ou seja, de desejo, “intenção ou capacidade de intervir no mundo para além do que lhe é solicitado por comandos de texto” (ibidem, p. 24).

A máquina não consegue exatamente sonhar. E é por isso que não consegue pensar. Não haverá inteligência artificial suficiente para atingir a sofisticação do aparelho psíquico. Isso não ocorrerá, no mínimo, antes da possibilidade praticamente inviável de compreendermos todos os meandros de nossa própria mente e cérebro. Então, como, de fato, conseguiríamos supostamente transpor uma inteligência que é a do humano, com a racionalidade e emoção ligadas a ela para uma inteligência artificial? Ainda mais quando não conhecemos como é a nossa própria.

Quando falamos em sonho, pensamos no que diz Freud sobre o fato de que a função dos sonhos “é afastar quaisquer motivos que possam interromper o sono, através da realização dos desejos, dos *impulsos perturbadores*” (FREUD, 1920/1996, p. 43). As forças perturbadoras externas geram e se articulam com as forças perturbadoras internas, ou seja, os impulsos internos (instin-

tos/pulsões). Alguém por acaso teria o despropósito de dizer que “dentro” das máquinas existiria algo como pulsões de vida e morte operando? A partir dos *inputs* externos (forças perturbadoras) vindo de dados inseridos pelos seres humanos que criam e operam os algoritmos lá dentro?

Coloco essas formulações aqui, pois, de fato, muitos dos criadores dessas máquinas têm tido certos sentimentos persecutórios em relação a suas criações. Como é o exemplo relatado por Amaral (2023, p. 23), autor que novamente trago à pena aqui:

Nossa primeira reação a quem enxerga consciência nelas é tomar essas pessoas por malucos. Em abril do ano passado, o engenheiro Blake Lemoine questionou em um memorando ao *Google*, depois vazado ao *Washington Post*, se o LaMDA, modelo de linguagem da companhia, não teria atingido uma forma de percepção consciente. A mídia tratou a história como uma anedota curiosa, e o vazamento acabou levando à demissão de Lemoine, bem como a especulações de que ele estaria influenciado por suas visões religiosas. A verdade incômoda, porém, é que, ainda que a maior parte de nós seja mais cética do que Lemoine, não temos como provar nossa intuição de que pessoas são conscientes, e máquinas não. Para começar, não é óbvio que os processos básicos de nossos cérebros sejam tão diferentes dos de modelos como o GPT-3 e o LaMDA: também somos enormes redes neurais treinadas desde o início da vida, ainda que com estímulos sensoriais mais diversos, para construir um modelo do mundo ao nosso redor – o que nos permite prever os próximos acontecimentos e os resultados de nossas ações. Teorias razoavelmente influentes da neurociência sugerem que nossa consciência e nossa percepção são consequências desse modelo preditivo, que acaba por incluir a nós mesmos, codificados em primeira pessoa.

As imagens produzidas por uma máquina, como o modelo de geração de imagens *Midjourney*, se aproximariam, afinal, mais de alucinações (um contraste ao pensar) ou dos sonhos? Não são essas imagens, como descrito, criadas por conta própria (ou seja, em primeira pessoa), mesmo com os *inputs* externos de dados que o ser humano alheio a ela insere na máquina?

Afinal, o que sustenta o pensamento (aproximação da verdade) é o sentir, é o sonhar. Como diz Ab’Sáber (2005, p. 94): “o sonho sustenta o pensar” e “não há pensamento sem sonho” – como bem demonstrado por Bion (1963/1991) –, o que nos faz vislumbrar como o sonho faz parte da genealogia do pensar, como ele é de fato o irmão gêmeo do pensar.

A hiperestimulação causada pelo excesso de elementos que nos chamam a atenção a todo momento é um dos motivos que podem nos fazer não sonhar, não pensar. O neurocientista Sidarta Ribeiro (2019, p. 193) parece reiterar isso após investigações sobre memória, sono REM, reativações neuronais, vigília e sono, através de algumas de suas pesquisas: “Por que não percebemos que existem sonhos ao fundo quando estamos despertos? A explicação é a torrente de estimulações sensoriais provenientes dos cinco sentidos”. No caso dessa passagem de *O oráculo da noite*, de Ribeiro, ela indica a não percepção de “um sonho” que efetivamente ocorre. Mas se não percebemos o que sonhamos, dificilmente elaboramos o sonhado; torna-se improvável dar algum sentido e direcionamento ao sonho. Não há pensar a partir do sonho. No caso da máquina, enquanto ela só reproduz os dados – ainda que em uma lógica própria e parecida com nosso

inconsciente e sua linguagem – que recebe e os transforma naquilo que esperamos dela (não esperadas conscientemente por nós, no caso das imagens geradas pelo *Midjourney*, por exemplo, mas talvez inconscientemente desejadas, nos pedidos feitos à máquina), ela não estaria efetivamente pensando. Ou estaria? O que entendemos de fato como pensamento?

Todo o pensamento humano está em busca de sua conservação, de sua autopropetuação, seja através das pulsões de autoconservação (do indivíduo), ou os instintos sexuais (da espécie); ou ainda com as pulsões de vida e morte.

São os paradoxos do desejo e do sonho. Buscam uma certa imortalidade, ainda que seja em forma de transmissão de geração para geração de traumas, em uma repetição incessante de questões e formas não elaboradas de vidas, de formas psíquicas transgeracionais. A ideia de imortalidade em Freud é a imortalidade do desejo, dos instintos. (GARRIDO, 2022b, p. 42)

A nossa “imortalidade”⁸ parece muito buscada na relação com essas “entidades” tecnológicas, criadas num sentido e desejo humano de autopropetuação através da máquina. Nos tornaremos, então, “maquinossímios”⁹?

O que seria uma pulsão, pode ser, ao invés, apenas compulsão. Compulsão reveladora de uma fantasia: Se nós não conseguimos dar as respostas às questões essenciais da vida e sobre quem somos, talvez a máquina nos dê. Essa insistência, essa curiosidade arrogante e estupidez¹⁰, essa busca obstinada – a todo custo – por alguma verdade sobre nós mesmos nos lembra a

8. “Breno Battistin Sebastiani – professor de língua e literatura grega –, em prefácio à obra *Édipo Tirano*, escreve que Édipo se torna moldura para a condição dos mortais, isto é, seu sofrimento e condição delimitam os fins de todas as ações humanas. Também Sócrates, segundo ele, de trajetória diametralmente oposta à figura ficcional de Édipo, fazia de si mesmo paradigma de compreensão do valor nulo da *sophia* humana. O que é ser humano? O que significa a experiência de busca contínua de saber, que empreendemos dia a dia, seja ela de forma consciente ou inconsciente? Essa experiência e história dizem respeito à condição de sofrimento que portamos e a nossa condição de mortais, sempre com um conhecimento parcial em mãos de quem somos. Empreendemos buscas por muitas e diversas vias na vã esperança de acelerar esse processo, que é o de compreender algo de nossas origens e destino. Um trecho da frase citada de Sebastiani, acima, é significativo para nós: a condição de mortais ‘[delimita] os fins de todas as ações humanas’. Ou seja, a radicalidade cada vez maior a que nós, humanos, nos impomos através das novas tecnologias e seus usos, teria como propulsor nossa própria condição mortal. Lançamo-nos como aves de rapina, com avidez e violência, em busca de variantes tecnológicas que satisfaçam nossa necessidade heroica e canibalística por progresso, objetos e novidade, reivindicando mais terreno de cultura e afastamento do terreno e da ideia da morte, utilizando a tecnologia como substituta da religião. O que seria uma tentativa distorcida e deslocada de transcendência. [...] Segundo Ernest Becker (1976), a natureza e ímpeto da atividade heroica humana tem na morte seu avesso. Para ele, uma das grandes redescobertas do pensamento moderno é que de ‘todas as coisas que movem o homem, uma das principais é o seu terror da morte’. O heroísmo como um reflexo do terror da morte.” (GARRIDO, 2022a, p. 95-96).

9. Maquinossímio: expressão concebida pelo colega e historiador Arnaldo Reis Pereira, que designa o ser primitivo que ainda somos, provido de meios para reprodução sexual e do trabalho, mas que pode vir a ser cada vez mais expropriado de sua capacidade de representar e se representar.

10. Bion indica que a arrogância combinada aos estados de estupidez e curiosidade estaria presente nas personalidades psicóticas, resultando em “onipotência” e “onisciência”. Para ele, em casos assim, o “analista deve encarar o aparecimento das mesmas como indício de que está lidando com um desastre psicológico”. (BION, 1967/1994, p. 81)

tragédia de Édipo (SÓFOCLES, 2018), que pagou o preço por sua falta de visão; uma visão enganadora que faz Édipo condenar-se e cegar-se. Atitude também sintomática de nossa condição humana: nos cegamos e delegamos às máquinas a incrível tarefa de dizer de nós a nós mesmos.

Pois parece muito mais fácil encontrarmos uma máquina com a qual possamos nos reconhecer. Se elas já se parecem conosco (ou lembram claramente certos modos de funcionamento nossos) é porque assumimos para nós mesmos que esse é o espelho ao qual queremos nos ver refletidos. A única capacidade muito evidente de que elas já são melhores que a gente é a de incorporar uma velocidade de magnitude muito mais elevada que nossa capacidade, limitada para muitas tarefas. Essa sempre foi a qualidade objetiva de nos cercarmos de tecnologia e ferramentas ilimitadas. Tais recursos como extensão de nós mesmos.

Inteligência artificial e redes sociais, uma conexão perigosa

Segundo qual régua queremos nos medir?¹¹ Após a pandemia da covid e o final do período de governo extremista e autoritário como o que tivemos no Brasil (2019-2022), juntamente a todo pandemônio que foi o uso das redes sociais, que se converteram em armas de proliferação de carga excessiva de projeções e movimentos de ódio, devemos reaprender o que significa tudo isso e reaprender o que significa aquilo que chamamos de cuidado. Pois nos parece autoevidente que cuidado não é o que se passa nos meios internéticos das redes nos tempos atuais. As redes sociais virtuais ampliaram exponencialmente, por exemplo, as possibilidades de se fazer uma má política.

Substituímos, então, nossa capacidade de cuidado e acolhimento, nossa infinita rede de associações neurais e psíquicas que poderiam dar continente a um conteúdo simbolizável por uma forma ainda mais limitada de ser humano, que só é capaz de assimilar uma linguagem e modos de operar semelhantes aos algoritmos das redes virtuais, tornando-as e tornando-nos cada vez mais inteligências “artificiais”, como já foi dito. Realmente, não temos continente psíquico suficiente para tantos estímulos e conteúdos informacionais, para não falar nas desinformações.

Sobre os usos da mentira, David Foster Wallace, romancista já falecido, parecia já antever esse tipo de fenômeno, quando antes de 2008, por meio da fala de um dos personagens, escreve em seu romance inacabado *O Rei Pálido* que

o novo líder não vai mentir pro povo, ele vai fazer o que os pioneiros do mundo empresarial descobriram que funciona bem melhor: vai adotar a persona e a retórica que permitam que as pessoas mintam para *si próprias*. (WALLACE, 2022, p. 165)

Este é o buraco que nos metemos. Se não somos capazes de conter a experiência multiforme das histórias humanas de todos os tempos, e os conhecimentos “organizados” pela vasta rede de “neurônios” computacionais presentes na internet, quem dará o tom de nossa angústia e desorganização humana e mental serão as próprias máquinas. Como quem estaciona em um

11. Segundo matéria da *Ípsilon*, com base na entrevista com o linguista Noam Chomsky, os algoritmos “nos dão conteúdo à nossa medida” e *chatbots* “simulam a comunicação humana e contribuem para a inércia analítica e criativa”. Disponível em: <https://colectivolibertarioevora.files.wordpress.com/2023/05/ipsilon.pdf>). Acesso em: 26 de outubro de 2023.

estado psicótico, tais mentiras que se passam por verdades serão nossos delírios diários, nossas alucinações de tantas imagens que não conseguiremos mais ao certo conceber. Nos tornaremos máquinas¹² alucinadas que não sabem o que estão dizendo. É certo que já somos assim, ‘dizemos mais do que supomos dizer’, como tão bem nos transmitiu a psicanálise, mas isso se trata de outra coisa. O fato é que, como enuncia Žižek (2023)¹³, o que pode verdadeiramente ocorrer a partir do advento da IA em nossas vidas diárias é nos transformarmos neles (nos *chatbots*), com discursos robóticos “sem nuances e ironias”. Mais precisamente:

O verdadeiro perigo, então, não é o de as pessoas confundirem os *chatbots* com pessoas reais; mas de os *chatbots* fazerem as pessoas reais falarem como *chatbots* – incapazes de notar as nuances e ironias, dizendo de maneira obsessiva exatamente aquilo que pensam que querem dizer. (ibidem)

O que nos tornaria, segundo ele, “idiotas artificiais”, cuja obtusidade nos faria incapazes de nos darmos conta dos “efeitos desastrosos sobre os outros” (se é que já não somos incapazes disso, em maioria). Seríamos como o personagem Míchkin, do livro *O idiota*, de Dostoiévsky: um personagem plano “que fala literalmente como um *chatbot*” (ibidem).

Se imaginarmos uma inteligência artificial *suficientemente* inteligente, ela seria realmente capaz de pensar – no sentido “bioniano” do conceito. O que fica, então, é que se pensarmos em:

uma inteligência artificial realmente inteligente, a ponto de se assemelhar aos homens ou ultrapassá-los naquele ponto que designa o encontro entre o pensamento e a ação (o *verdadeiro* pensar como prelúdio à ação – aquilo que leva a ação – que é tido como verdadeiro pensamento – o ‘*Eureka!*’), seria uma máquina suficientemente arguta e sensata para chegar à conclusão de que ela mesma abrigaria a potência de se perceber como possível responsável por nos aniquilar. Uma máquina ou tecnologia assim seria capaz de compreender que o melhor meio de evitar isso seria destruir a ela mesma e não os seres humanos. A não ser que ela notasse o quanto somos prejudiciais a um sistema maior que é a natureza como um todo. Ou até em outro plano, nocivos ao universo. (GARRIDO, 2022a, p. 76)

Por mais que queiramos antecipar o que e como vai ser a nossa “relação” com essas máquinas e o interior delas, assim como os impactos advindos disso tudo, o máximo que conseguimos é inferir sobre alguns efeitos a partir do que já vemos em operação. De fato, se olharmos a linguagem presente nas redes (como o *TikTok*), rapidamente nos damos conta de como as pessoas (principalmente, jovens e crianças) estão se comunicando. A linguagem nos vídeos curtos presentes

12. Segundo o filósofo Christoph Türcke, autor de *Filosofia do Sonho*, “aquilo que máquinas desempenham, elas realizam costumeiramente muito mais rapidamente, de modo mais exato e mais permanente do que os homens, no entanto, nunca sem que os homens com elas se ocupem. E isso significa: todas as repetições que homens repassam para as máquinas retroagem sobre eles.” (TÜRCKE, 2010, p. 304)

13. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/zizek-a-idiotice-artificial/>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

no *TikTok* demonstra como a forma de comunicação já se faz de modo robotizado, em sua “musicalidade”, conteúdo e cortes (edições), conscientemente produzidos para criar determinado tipo de ressonância em seu público. Cada época costuma definir a linguagem permitida entre seus concidadãos. E a linguagem, e espírito dessa época, já vem marcada por essa nova interação tecnológica. A tal da caixa-preta, nesse sentido, é o de menos...

É certo que mesmo que todos os algoritmos e suas operações – presentes em *chatbots* como os do *ChatGPT* – venham a se tornar dados abertos a qualquer um que queira conhecê-los, haverá sempre um véu de obscuridade. Um véu que recobre uma espécie de integridade da matéria, da coisa em si, da realidade. Como disse Freud, “a realidade sempre permanecerá incognoscível”. (Freud, 1940/1975, p. 225). Para ele,

[...] por trás dos atributos do objeto em exame que se apresenta diretamente à nossa percepção, temos que descobrir algo que é mais independente da capacidade receptiva particular de nossos órgãos sensoriais [...] Não temos a esperança de poder atingir este estado em si mesmo, visto ser evidente que tudo de novo que inferimos deve ser traduzido de volta para a linguagem de nossas percepções, da qual nos é simplesmente impossível libertar-nos. (ibidem)

Mas quais são os nossos limites? Como diz Amaral,

[...] o funcionamento geral dos modelos é planejado e descrito em seus códigos de treino, mas o que acontece em suas entranhas é fruto da interação direta da máquina com os dados. Com isso, não sabemos exatamente como ela modifica as informações que lhe permitem fornecer respostas adequadas. Aprender em detalhes o que acontece em um espaço virtual de 175 bilhões de parâmetros, afinal, é quase tão desafiador quanto compreender o que se passa em nossos trilhões de sinapses. (2023, p. 22)

O que nos leva a crer que, de fato, as questões tais quais as que o incipiente uso de IAs mais complexas levantam passam, mais uma vez, por uma questão que se volta sobre nós mesmos: quem somos nós? Como somos formados? O que é ser inteligente? O que é sonhar? Do que falamos quando falamos em humanidade, autoconsciência ou outros atributos que pretendemos como exclusivo à nossa espécie?

REFERÊNCIAS

- AB’SÁBER, TALES. *O sonhar restaurado, formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- AMARAL, O. (2023). As formas intermediárias. *Revista Piauí*, 199, 20-27.
- BION, W. R. *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1962/1991.
- _____, W. R. (1991). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963).
- _____, W. R. (1994). Sobre a arrogância. In: *Estudos psicanalíticos revisados* (W. M. de M. Dantas, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).
- COUTINHO, L. G. (2009). *Adolescência e errância: destinos do laço social contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nau.
- DAMASIO, A. R. (2012). *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Trad. Dora Vicente, Georgina

- Segurado. — 3a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.
- DUNKER, C. *Como o ódio funciona? Por que não faz sentido controlar esse afeto*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/colunas/blog-do-dunker/2023/03/21/odio-sentimento-controle-afeto-psicanalise-repressao-agressividade.htm>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.
- GARRIDO, C. Um presente distópico. In.: *A nova era tecnológica: redes sociais, realidade virtual e inteligência artificial: um olhar psicanalítico e social*. Caio Garrido, Fábio Zuccolotto. Belo Horizonte: Letramento, 2022a.
- , C. *O sonhar dos jovens em situação de vulnerabilidade social no contexto político brasileiro contemporâneo*. 2022. 258 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Saúde). Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2022b.
- GARRIDO, C. & ZUCCOLOTTO, F. *A nova era tecnológica: redes sociais, realidade virtual, e inteligência artificial: um olhar psicanalítico e social*. Belo Horizonte: Letramento, 2022.
- FREUD, S. A interpretação dos Sonhos. In.: *Obras Completas*. vol, 4. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1900/2019.
- , S. (1996). Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I). In.: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 11, p. 167-180). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- , S. Além do princípio de prazer. In.: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1920).
- , S. (1975). Esboço de psicanálise. In.: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. vol. 23. (Trabalho original publicado em 1940).
- GIRARD, R. *Aquele por quem o escândalo vem*. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2011.
- LACAN, J. *Le séminaire, livre VII: l'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1986.
- , J. *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LANCHESTER, J. (2017, set.). Você é o produto. *Revista Piauí*, 132.
- MONDRZAK, V. Processo psicanalítico e pensamento: aproximando Bion e Matte-Blanco. In.: *Rev. bras. psicanálise*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 118-134, set. 2007.
- MONEY-KYRLE, R. (1968). Desenvolvimento cognitivo. In.: *Obra selecionada de Roger Money-Kyrle*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- O'NEIL, C. *Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. Santo André- SP : Editora Rua do Sabão, 2020.
- RIBEIRO, S. (2019). *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROCHA, J. C. C. Mimetismo, vingança e ressentimento: a novidade da compreensão girardiana sobre o desejo. Entrevista com João Cezar de Castro Rocha, IHU online. Ed. 479..
- SANDLER, P. C. (1997). *A apreensão da realidade psíquica*. vol I. Rio de Janeiro: Imago.
- SÓFOCLES. *Édipo Tirano*. Trad. Leonardo Antunes. São Paulo: Todavia, 2018.
- TÜRCKE, C. Tempo de Sonho *High-Tech*. In *Filosofia do sonho*. Trad. Paulo Rudi Schneider. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.
- WALLACE, D.F. *O Rei Pálido*. Trad. Caetano W. Galindo. 1 a - ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2022.
- ZASLAVSKY, J. (2004) Fantasia e trauma real: o impacto da identificação intrusiva no processo analítico. In.: *Rev. Bras. Psicanál.* 38(1), 113-128.
- ŽIŽEK, S. (2023) *Zizek: A Idiotice Artificial*. Project Syndicate. Trad.: Daniel Pavan, n' A é Redonda.